

D. JOÃO E A MÁSCARA

Fábula trágica em 4 actos de ANTÓNIO PATRÍCIO. Publicada em 1924. Inédita em palco na sua versão original. Adaptação (reduzida a uma personagem) apresentada pelo grupo «O Novo Teatro» no Teatro da Graça [e/ou do Bairro Alto?] em 20-6-1980, sendo intérprete João Lagarto.

[...]

Quatro cenas: sala da ceia em desordem do palácio de D. João (1.º e 2.º actos); antecâmara do palácio do Duque de Silveiras (1.º quadro do 3.º acto); rua íngreme de Sevilha, com casas de gelosia e balcões, portas abrindo para pátios árabes (2.º quadro do 3.º acto); sala do solar (1.º quadro do 4.º acto); claustros de convento (2.º quadro do 4.º acto). Em Sevilha, no século XVII.

D. João, no fim de um baile de máscaras que deu em sua casa, lamenta a D. Elvira o tédio em que vive. Nas mulheres que ao longo da vida amou e continua a amar, só uma realidade procurava: a morte. E é finalmente a Morte que o procura, não para o levar, pois diz-lhe que não há pressa. Depois da ceia com o Conviva de Pedra, que levava Leporello a desaparecer com medo, D. João continua a sua peregrinação sem encontrar consolo em nenhum lugar, até que resolve ingressar num convento. A sua renúncia a tudo e o seu espírito de sacrifício fazem a admiração de todos. E por isso começa a ser considerado um santo. A Morte volta, embora não seja também para o levar. D. João reconhece não ser ainda digno dela.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 187.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.